



AgEcon SEARCH
RESEARCH IN AGRICULTURAL & APPLIED ECONOMICS

The World's Largest Open Access Agricultural & Applied Economics Digital Library

This document is discoverable and free to researchers across the globe due to the work of AgEcon Search.

Help ensure our sustainability.

Give to AgEcon Search

AgEcon Search
<http://ageconsearch.umn.edu>
aesearch@umn.edu

*Papers downloaded from **AgEcon Search** may be used for non-commercial purposes and personal study only. No other use, including posting to another Internet site, is permitted without permission from the copyright owner (not AgEcon Search), or as allowed under the provisions of Fair Use, U.S. Copyright Act, Title 17 U.S.C.*



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



EDUCAÇÃO COOPERATIVA: A EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA DO SICREDI “A UNIÃO FAZ A VIDA”

ADRIANO LAGO;

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM AGRONEGÓCIOS

PORTO ALEGRE - RS - BRASIL

adrianolago@yahoo.com.br

APRESENTAÇÃO ORAL

Instituições e Desenvolvimento Social no Agronegócio

Educação cooperativa: a experiência do programa do Sicredi “A União Faz a Vida”

Grupo de Pesquisa: **Instituições e Desenvolvimento Social no Agronegócio**

Resumo

Em se tratando do modelo cooperativista, várias são as particularidades que o diferencia dos demais modelos empresariais não cooperativos, dentre elas, uma das principais e talvez relegada a segundo plano pela maioria das cooperativas, é a educação cooperativa, mesmo sendo caracterizada por muitos autores como essencial para a sobrevivência e desenvolvimento do modelo. Neste sentido, o presente estudo busca apresentar algumas particularidades e a importância da educação cooperativa para o modelo cooperativo e para a cooperação de forma geral, para tal, toma-se algumas referências teóricas que dão suporte a metodologia utilizada na apresentação de uma experiência concreta de educação cooperativa, que é o programa “A União Faz a Vida”, o qual foi idealizado e implantado pelo SICREDI no ano de 1995, apresentando grande abrangência na atualidade, bem como, contribuições significativas segundo avaliações dos atores envolvidos. Em 2006 o programa atinge 101 municípios do Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Paraná, envolvendo mais de 144.200 alunos, 12.000 professores capacitados em 1.150 escolas e 200 parceiros públicos e privados.

Palavras chaves: **cooperativismo, educação cooperativa, meio ambiente**



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Cooperative Education: an experience of Sicredi program “Alliance Makes Life”

Abstract

As to the cooperativism model, there are many particularities which make it different from the other non-cooperative models, among them one of the most important and perhaps relegated to a second plan by most of the cooperatives, that is, the cooperative education, even though it is characterized by many authors as essential for the survival and development of the model. This study aims at showing some particularities and the importance of education for the cooperative model and for the cooperation in general. So, some theoretical references giving support to the methodology used to present a concrete experience of cooperative education, which is the program “Alliance makes Life”, which was thought and implemented by SICREDI in 1995. Nowadays, it presents a wide spectrum as well as it gives significant contributions according evaluations of the involved authors. In 2006, the Program reached 101 municipalities in Rio Grande do Sul, Mato Grosso and Paraná states, involving more than 144,200 students, 12,000 trained teachers in 1,150 schools e 200 public and private partners.

Keywords: cooperatives, education, environment

1. Introdução

A cooperação pode ser considerada algo intrínseco do ser humano, pois ninguém é capaz de viver isolado por muito tempo, tal fato está presente nos registros desde os primórdios da civilização humana. Esta cooperação se apresenta das mais diversas formas, dentre elas o cooperativismo ganha destaque desde o seu surgimento, na sua forma moderna, no berço da Revolução Industrial da Inglaterra em 1844, na cidade de Rochdale. Aquela sociedade formada por 28 tecelões na busca de enfrentar os problemas comuns da época deu seguimento a primeira cooperativa, bem como, as bases para o cooperativismo atual, resumidos nos sete princípios cooperativos existentes na atualidade.

Dentre estes princípios destaca-se na experiência estudada o quinto princípio, que trata da educação cooperativa e o sétimo princípio, o qual manifesta o compromisso do cooperativismo para com a comunidade. Educação esta, que pelos registros históricos pode ser tida como a mola mestra do movimento cooperativo desde aquela época.

Revela-se neste estudo a preocupação com as particularidades e a importância da educação cooperativa, em função de que, o cooperativismo ao longo de sua trajetória passou por profundas crises, modificações, aprendizados, aperfeiçoamentos, até os dias atuais. Nesta caminhada em muitos momentos a educação para o cooperativismo esteve



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



presente de forma mais ou menos intensa, de acordo com as problemáticas enfrentadas e as lideranças existentes.

No entanto, na atualidade, o cooperativismo tem atingido até mesmo bons níveis de eficiência técnica e econômica, porém apresenta fortes deficiências nos aspectos educacionais, sociais e ambientais.

Nesta perspectiva, o presente estudo, considerando que o cooperativismo na atualidade não tem exercido, de forma adequada, seu papel na educação cooperativa, apresenta primeiramente algumas particularidades e importância deste princípio.

Posteriormente, apresenta-se o Programa União Faz a Vida, idealizado pelo SICREDI – Sistema de Crédito Cooperativo, o qual promove ações de educação cooperativa em escolas estaduais e municipais do estado do Rio Grande do Sul e mais recentemente no Mato Grosso e Paraná. Assim, torna-se possível o estabelecimento de algumas considerações sobre a educação cooperativa relacionando os aspectos teóricos e a experiência apresentada.

2. Particularidades e importância da educação cooperativa

O modelo cooperativista, ao contrário do que alguns críticos previam, desde o seu surgimento, permanece vivo e atuante até os dias atuais, sendo frequentemente revigorado por vários tipos de iniciativas e experiências. Neste sentido, nos últimos tempos há uma retomada da importância do cooperativismo em nível mundial, fruto das inconsistências do mercado mundializado e a visualização do modelo cooperativista como opção viável a estas inconsistências.

Para Frantz (2003, p.61), “está em afirmação uma nova consciência a respeito dos fatos e dos fenômenos sociais da atualidade, das instituições e organizações humanas, da natureza, tais como: ecologia, meio ambiente, políticas públicas, economia de mercado, papel do Estado, cooperação”.

Sendo assim, nos últimos tempos há uma retomada da importância do cooperativismo. E com isso, se exige maior atenção à questão da educação em organizações cooperativas, pois, no novo contexto de mudanças, internacionalização dos mercados, através da globalização, torna-se necessário a construção de espaços de educação, de aprendizagem e de redistribuição de poder, os quais são necessários para que os cooperativados estejam preparados para os processos de transformação (FRANTZ, 2003).

No entanto, as cooperativas brasileiras, em sua maioria, têm dedicado maior atenção aos aspectos de gestão econômica e eficiência técnica da empresa cooperativa e algumas vezes, dos associados. Aspectos estes essenciais para a sobrevivência das cooperativas, frente, principalmente, às novas dinâmicas de mercado provocadas, no caso do Brasil, mais fortemente com a abertura ao mercado externo na década de 1990. Porém, parece estar sendo esquecido algo que é anterior aos aspectos econômicos e técnicos do modelo cooperativista, algo que o diferencia dos demais modelos empresariais.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Neste sentido, para as cooperativas, sendo empresas de prestação de serviços a seus associados, são de extrema importância os aspectos educativos, morais e sociais, que nelas deverão prevalecer sobre as finalidades de caráter econômico, sem esquecer, porém, a importância das exigências econômico-administrativas. Elas são um meio para um fim maior que é o bem-estar e a felicidade das pessoas (SCHNEIDER, 2003).

Porém, o esquecimento deste princípio básico pode ter forte influência sobre alguns problemas que são comuns ao cooperativismo atual e merecem maior atenção, dentre eles pode-se destacar: muitos associados no momento da realização da relação comercial com a cooperativa (venda ou compra) ao perceber que no comércio há maiores preços de venda ou menores de compra, deixam de operar com a sua cooperativa; presença de associados que não participam das assembleias e reuniões, colocando sempre a responsabilidade nos demais associados, criticando inclusive a forma de condução definida pelos presentes; eleição de conselheiros que participam dos processos de tomada de decisão somente em função dos honorários; desconhecimento do que seja e quais as funções de uma cooperativa, percebendo a mesma como uma instituição de caridade ou apenas como um agente comercial como outro qualquer; interesse de muitos associados em participar da cooperativa somente quando há uma compensação imediata, o chamado sócio oportunista; falta de lideranças preparadas para assumir compromissos cooperativismos diretivos.

Estas e outras problemáticas resultam, por vezes resultados incipientes, falta de capitalização, endividamento, e em muitos casos insustentabilidade da cooperativa. Por outro lado, a base de toda esta problemática pode estar na deficiente, ou pode-se dizer, inexistente promoção da educação cooperativa continuada por parte da maioria das cooperativas brasileiras.

Em relação aos problemas do cooperativismo da atualidade, Nascimento (2000) afirma que na grande maioria dos casos, o problema das cooperativas não é de origem administrativa nem gerencial como muitos pregam. E sim de falta de doutrina e educação cooperativa, cuja carência promove os problemas como falta de capitalização, endividamento, não participação, falta de identidade, integração e solidarismo. Por isso, sem resolver adequadamente a questão da educação, o cooperativismo não terá êxito permanente e a continuidade estará ameaçada por maior que seja o número de profissionais técnicos qualificados atuantes nas cooperativas.

Por isso, para Silva (2003), a família pode ser considerada como o elo inicial e que dará a educação básica de cooperação para o indivíduo, no entanto, no decorrer do desenvolvimento da vida, organizações econômicas, sociais, religiosas, culturais, dentre outras, terão feito parte de seus dias, exercendo influência decisiva na formação do indivíduo.

Com este entendimento, em se tratando do cooperativismo moderno, a educação cooperativa está presente desde o seu surgimento. Segundo relatos uma vez por semana, depois de um dia inteiro de trabalho, alguns dos pioneiros do “Círculo Owenista” (precursores do cooperativismo), reuniam-se para discutir as condições da época e o bem estar humano. Destas discussões, em 1849 surgiu o comitê que deu origem ao Departamento de Educação, o qual, na reforma do estatuto em 1854, no Art. 42 ficou estabelecido a destinação de 2,5% das sobras para um Fundo de Educação (hoje



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



chamado RATES – Reserva de Assistência Técnica Educacional e Social ao qual hoje é destinado 5% das sobras), bem como a escolha de 11 membros para compor o comitê de gestão deste fundo. Com a criação deste fundo, uma série de atividades de educação e capacitação de associados e filhos de associados começaram a ser realizadas, tanto, que em 1869 já havia na biblioteca da cooperativa sete mil exemplares além de uma sala com 14 jornais e 32 revistas e dez salas para leituras em diversos lugares do bairro operário (SCHNEIDER, 2003).

Para o mesmo autor, é notório que os Pioneiros de Rochdale, como umas de suas primeiras iniciativas, ajudaram os associados analfabetos a alfabetizarem-se, criaram uma biblioteca e uma sala com revistas e jornais, para que, além de alfabetizados, estivessem bem informados sobre sua realidade. Além disso, os Pioneiros promoveram conferências, cursos para adultos em diferentes áreas do conhecimento, segundo o interesse ou a necessidade dos associados. Isso quando na época só se freqüentava a escola até os 14 anos, e o poder público se mostrava omissos em oferecer educação para pessoas adultas. Quando o governo foi assumindo esta tarefa, as cooperativas se julgaram liberadas do compromisso da educação, gerando um processo de afastamento do associado, que não participava mais. Esse foi um dos motivos para que a partir de 1890, e por influência e pressão das “Guildas Femininas” (Clube de Mães), compostas por esposas de associados, as cooperativas passaram novamente a destinar recursos e esforços em prol de uma educação cooperativista.

Percebe-se, ao observar um pouco da história geral da educação cooperativa, que a mesma se constitui em um dos pilares do cooperativismo desde Rochdale, tanto é que se constitui num dos princípios do cooperativismo.

Na última modificação, em setembro de 1995, no Congresso Mundial da Aliança Cooperativa Internacional (ACI), em Manchester, Inglaterra, o princípio da educação ficou da seguinte forma: 5º - *educação, treinamento e informação*: as cooperativas promovem a educação e a formação dos seus membros, dos representantes eleitos e dos trabalhadores, de forma que estes possam contribuir, eficazmente, para o desenvolvimento das suas cooperativas. Informam o público em geral, particularmente os jovens e os líderes de opinião, sobre a natureza e as vantagens da cooperação (SCHMIDT & PERIUS, 2003).

Assim, amplia-se a educação cooperativa para além dos associados, os representantes eleitos, administradores, executivos e colaboradores, recomendando-se também que os benefícios do cooperativismo sejam estendidos ao público, em especial aos jovens e líderes da comunidade (PINHO, 2003).

Porém, embora este princípio constitua a base para o cooperativismo, na prática pouco tem sido feito neste campo, ou até mesmo, tem sido menosprezado, já que, são ações isoladas que podem ser encontradas, não se refletindo no todo do movimento cooperativista brasileiro.

Na atualidade, ao abordar a questão da educação cooperativa deve-se ter em mente o que se quer com essa educação. Para Schneider (2003), a educação visa à promoção da reflexão, pensamento, discussão e a ação, explorando as potencialidades e habilidades dos indivíduos.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Para Frantz (2003), a educação é um dos fenômenos mais complexos da humanidade e por isso caracteriza-se por uma diversidade de formas de definir, compreender e explicar, além das formas com que ela ocorre. Assim, duas definições podem auxiliar na compreensão da mesma: José Carlos Libâneo (1998, p.22 *apud* Frantz 2003. p.68) a define como

o conjunto das ações, processos, influências, estruturas, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais.

Já para Mario Osório Marques (1999, p.14, *apud* Frantz 2003, p.68)

a educação se cumpre num diálogo de saberes, não em simples troca de informações, nem em mero assentimento acrítico a proposições alheias, mas na busca do entendimento compartilhado entre todos os que participam da mesma comunidade de vida, de trabalho, de uma comunidade discursiva de argumentação.

Segundo Schneider (2003, p.14), deseja-se, por um processo gradual e contínuo, motivar e despertar as pessoas para a participação nas instituições, tornando-as agentes do próprio desenvolvimento. A educação e a capacitação são indispensáveis em qualquer instituição, porém, em se tratando de cooperativas elas são questões de sobrevivência no contexto atual, pois:

educar para a cooperação é uma tarefa difícil, pois as pessoas nascem e vivem num contexto de concorrência, de individualismo, do crescimento deixando os outros para trás. Não se consegue mudar uma situação de concorrência para uma situação de ajuda mútua de uma hora para outra. Desencadeia-se um processo, cujo resultado geralmente só se obtém a longo prazo. Por isso, também, deve enfatizar-se na educação cooperativa seu caráter de educação permanente.

Porém, a efetivação da educação cooperativa nos moldes tradicionais promovidos pelas escolas e profissionais preparados para a competição dificilmente formará pessoas cooperativistas. Por isso, a educação cooperativa deve ser pensada e implementada pelas cooperativas, pois, são estas as promotoras dos princípios de solidariedade e cooperação. Assim, cabe às cooperativas investirem na educação de seus associados, colaboradores, jovens e crianças, através de ações próprias ou em parcerias com outros atores ou instituições.

Para Watkins (1989, p.131), “não pode haver cooperação sem cooperadores, e os cooperadores, diferentemente dos poetas, não nascem, se fazem”. Sendo assim, o cooperativismo não pode esperar que nasçam cooperativistas de forma casual, mas sim, utilizar-se da educação cooperativa para promover a cooperação.

Essa educação cooperativa envolve além do conhecimento teórico, ações práticas, para alcançar os seus objetivos, que vão além da formação acadêmica, ou seja, é a soma das ações e experiências que promovem o crescimento moral e mental dos



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



cooperadores, e assim o conhecimento e as capacidades para trabalhar de forma coletiva dentro dos princípios cooperativistas (SCHNEIDER, 2003).

Garzón, (1978, p.17) menciona que:

No cooperativismo Sueco, de grande pujança econômica, há uma preocupação essencial com uma educação cooperativa continuada e em todas as formas, portanto, não limitadas às etapas de iniciação, mas permanente. Normalmente se age entre nós de forma a que, quando a cooperativa vai bem econômica e culturalmente, se dispensa o processo educativo. Ora, um processo permanente fortalece os vínculos da associação. Especialmente quando as cooperativas aumentam rapidamente em número de sócios, importa que os que ingressam adquiram os mesmos conhecimentos essenciais da doutrina que receberam os sócios fundadores.

Para o mesmo autor (1978, p.181):

O ensino de cooperativismo pode ser muito fecundo, quando implantado no ensino primário e secundário. Pois, nos adultos que se formaram pelos métodos tradicionais a primeira tarefa da educação cooperativa deve ser liberar seus espíritos das idéias recebidas sem exame, e fazê-las abandonar os caminhos trilhados e as soluções rotineiras. Este problema não existe no espírito das crianças, espírito novo, ativo, buscador, ávido para conhecer, compreender, descobrir. Além disso, pode-se contar com as crianças para que divulguem em seu redor os conhecimentos e as experiências que acabam de adquirir; de modo que os pais inteligentes, que se interessam pelas atividades de seus filhos, aprendem muito mais deles no setor das idéias e das práticas novas, inclusive, sem dar-se conta.

A atuação por parte das cooperativas na educação cooperativa, além de ser uma questão de sobrevivência das próprias organizações, pode ser visualizada pela ótica da manutenção e aplicação de um outro princípio cooperativista, que é o “compromisso com a comunidade”. Pois, a educação cooperativa está preocupada com o meio ambiente, cultura, valores morais e sociais, ajuda mútua, honestidade, geração de renda, etc.

Além disso, para Bemvenuti (2002), dentre os objetivos de uma educação cooperativa algumas idéias são fundamentais, como: socialização, criatividade, espontaneidade, solidariedade, liberdade e espírito crítico, as quais precisam ser estimuladas e desenvolvidas nos processos de educação cooperativa.

Assim, contrapondo-se à idéia errônea de disciplina, um trabalho em bases cooperativas exige dos alunos a auto-disciplina. Para discutir, levantar todas as idéias, escolher a melhor alternativa para a situação proposta (realidade que o jovem vai enfrentar no futuro como cooperativista), é necessário desenvolver, no aluno, atitudes de respeito e aceitação das idéias dos outros, assim como o espírito de colaboração, o esforço em alcançar o nível do grupo, a espera da sua vez de falar, o auxílio ao companheiro para que exponha suas idéias, e o sentimento de que os outros são fonte de aprendizagem. Todos devem estar preocupados com cada um (BEMVENUTI, 2002).

Nesta lógica é que o SICREDI/RS vem desenvolvendo o programa “A União Faz a Vida”.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



3. Procedimentos metodológicos

Para o presente estudo, partiu-se primeiramente da inquietude em relação à carência e necessidade de programas de educação cooperativa no movimento cooperativista em geral. Assim, elaborou-se uma revisão teórica sobre a educação cooperativa, afim de melhor entender a sua dinâmica e fundamentar as inquietudes e o estudo pretendido. Como caso empírico de educação cooperativa na atualidade tomou-se o Programa “A União Faz a Vida”, idealizado pelo SICREDI/RS.

No entendimento de Yin (2005), o estudo de caso compreende um método que abrange tudo desde o planejamento do estudo passando pela coleta e culminado com a análise e discussão dos resultados. Já para Gil (2002), o estudo de caso permite preservar o caráter unitário do objeto estudado; descrever o contexto em que se está sendo feita determinada pesquisa; formular hipóteses ou teorias e explorar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos.

Para melhor conhecer o programa buscou-se junto a UNISINOS – Universidade do Vale dos Sinos, as primeiras publicações sobre o programa, já que, foi esta a universidade contratada em 1992 para a realização do projeto político pedagógico do então projeto “A União Faz a Vida”.

Além disso, tomou-se informações atuais sobre o programa junto a Central SICREDI, através de materiais informativos, publicações, relatórios (estes relatórios são compostos por pesquisas de opinião do envolvidos no programa, alunos, professores e parceiros). Realizou-se também, uma entrevista não estruturada com a coordenadora regional e coordenadora administrativa.

A coleta dos dados foi realizada no período de janeiro a março de 2007 compondo a avaliação final da disciplina de Organização, Cooperativas e Agronegócios, do Programa de Pós-Graduação em agronegócios da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Com os procedimentos adotados têm-se condições de estabelecer uma análise deste programa que vêm ganhando destaque a cada ano que passa, e assim contribuir com o seu desenvolvimento, bem como para o desenvolvimento de novos programas e ações de educação cooperativa.

4. Programa “A União Faz a Vida”: Aspectos gerais e abrangência do programa

O programa de educação cooperativa “A União Faz a Vida”, implantado em 1995, contava ao final do ano de 2006 com a participação de 101 municípios do Estado do Rio Grande do Sul, através de parcerias com Secretarias Municipais de Educação, Prefeituras, Universidades, Sindicatos, Associações, Entidades Religiosas,



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Cooperativas, e outras empresas da iniciativa privada, tem na sua base o conceito “Cooperação como fator de desenvolvimento da cidadania, da solidariedade e do empreendedorismo”, com o intuito de formar cidadãos conscientes, solidários e futuras lideranças cooperativas.

Ciente de que o cooperativismo está fundamentado em sete princípios cooperativos, que são eles: 1º Adesão livre e voluntária, 2º Gestão democrática pelos membros, 3º Participação econômica dos membros, 4º Autonomia e independência, 5º **Educação, formação e informação**, 6º Intercooperação e 7º Compromisso com a comunidade, e que todos são importantes para o bom desenvolvimento do sistema cooperativo, a concepção do programa está baseada em dois destes princípios: 5º Educação, formação e informação e 7º Compromisso com a comunidade.

Com este programa, o SICREDI tem como objetivo disseminar a cultura da cooperação e a práticas ambientais e empreendedorismo, pois, entende-se que a cooperação não pode ser simplesmente ensinada e aprendida. Precisa ser desenvolvida, praticada e construída no dia-a-dia das pessoas. Na visão empreendedora, aprender fazendo será a melhor lição que os educandos levarão para o seu futuro pessoal e profissional (SICREDI, 2007).

Este programa, hoje motivo de muito orgulho para o SICREDI, municípios e escolas integrantes, bem como de todos os parceiros e alunos participantes, surge da necessidade de uma educação cooperativa mais consistente e que preparasse o jovem para o cooperativismo. Assim, com uma idéia inicial de buscar a implantação de uma disciplina de cooperativismo junto ao currículo das escolas de ensino fundamental, em 1992 um grupo de conselheiros do SICREDI visitaram a Argentina e o Uruguai para conhecerem escolas que trabalham com metodologias de educação cooperativa para crianças e jovens. Nestas visitas perceberam que apenas uma disciplina não atenderia os objetivos de promoção da educação cooperativa.

Então, em 1993, o SICREDI contratou a UNISINOS para formatar o projeto político-pedagógico e a metodologia educativa a ser aplicada no programa “A União Faz a Vida”, o qual, em 1995, tornou-se programa piloto no município de Santo Cristo. Desde então, a cada ano o programa tem conquistado maior reconhecimento, novos parceiros e muitas outras escolas participantes. Atualmente, o programa conta com 101 municípios participantes, 144.220 mil alunos inseridos no programa, 12.000 professores capacitados, 200 parceiros públicos e privados e 1.150 escolas participantes no Estado do Rio Grande do Sul. O crescimento e sucesso do programa no RS, que pode ser representado quantitativamente pelo aumento expressivo de municípios desde o seu surgimento (figura 1) e pelo expressivo número de alunos participantes (figura 2), bem como outros resultados que serão apresentados, estão estimulando as primeiras experiências nos estados de Mato Grosso (desde 2005) e Paraná (março de 2006).



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural

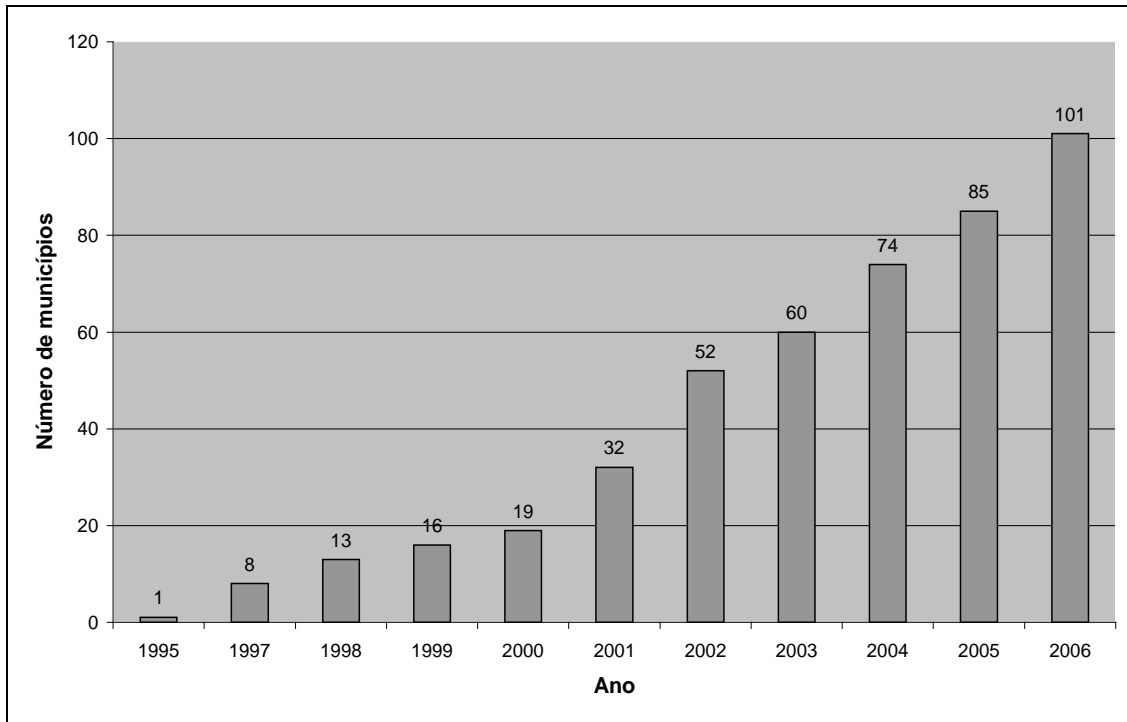


Figura 1: Número de municípios com o programa "A União Faz a Vida"

Fonte: SICREDI (2008, p.13).

O programa tem como público alvo alunos da educação infantil e ensino fundamental, pois, segundo Fialkow (2002, p.16):

dos 6 aos 13 anos, aproximadamente, aumentam as soluções das crianças baseadas na reciprocidade, na igualdade. Toda ação pedagógica que enveredar pelo caminho da cooperação e da igualdade social terá, nas crianças desta idade, grandes aliados e defensores. Os programas inovadores e de enriquecimento da vida grupal necessitam ser introduzidos desde o nível pré-escolar e continuados através de todo o curso experiencial do jovem.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural

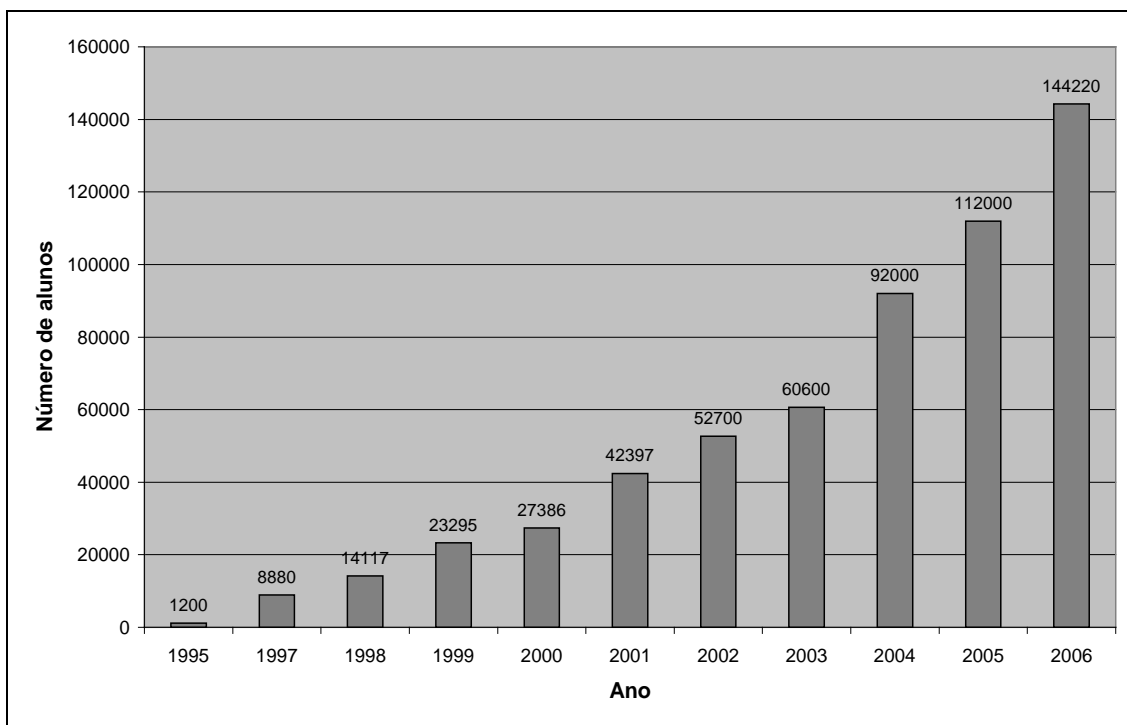


Figura 2: Número de alunos participantes do programa "A União Faz a Vida"

Fonte: SICREDI (2006, p.23).

Além disso, atinge os professores de toda a rede escolar adepta ao programa bem como a comunidade escolar como um todo. Voltado essencialmente para a área da educação, o programa dotado de uma visão sistêmica da realidade em que está inserido, ganha outros aspectos importantes, como a saúde, alimentação, segurança e bem-estar social, integrando empresa, escola, poder público, famílias e a comunidade num objetivo único, que é, através da educação cooperativa, resgatar o sentimento de cidadania de cada criança e comunidade escolar.

Por isso, o programa foi criado para ser desenvolvido por um período indeterminado, dependendo dos interesses da comunidade escolar, professores, parceiros e poder público, pois, estes serão os responsáveis pela continuidade do programa com o apoio do SICREDI e das universidades parceiras. Neste sentido, o programa está fundamentado em metodologias pedagógicas cooperativas, processo de ensino e aprendizagem interativo, valorização do trabalho em equipe e incentivo às práticas do empreendedorismo e educação ambiental.

O programa, em cada município, nasce sob a forma de uma proposta. Inicialmente abre-se para a manifestação de interesses por parte dos municípios atendidos pelo SICREDI. Desta manifestação a coordenação geral, juntamente com a cooperativa local avalia as condições de viabilidade do programa, considerando itens como: parcerias disponíveis, capacidade da absorção dos custos iniciais de implantação (atualmente variando de R\$ 15.000,00 a R\$ 20.000,00), maturidade política da comunidade escolar em aceitar um programa de educação cooperativa e outros.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Ao ser escolhido, o município através da Secretaria da Educação Municipal, SICREDI e outros parceiros iniciais, passam a coordenar o processo, reunindo representantes de todos os segmentos da sociedade: redes escolares, entidades de classe, clubes de serviço, entidades religiosas, cooperativas, associações, sindicatos, etc. para apresentação e em caso de avaliação positiva, aprovação da implantação do programa.

Quando da aprovação do programa, inicia-se a constituição das parcerias, além de eger-se um coordenador local que será responsável pelo andamento do programa, articulação de parcerias, motivação dos professores e funcionários e também pela coordenação das ações em âmbito municipal. Pois, em nível regional, o programa conta com seis coordenações, distribuídas no Estado sob a coordenação do SICREDI central, as quais são responsáveis por contribuir com apoio, planejamento, desenvolvimento do programa, monitoramento, e avaliação de resultados, tudo isso em parceria com as lideranças locais.

Para a implantação propriamente dita, são realizados cinco seminários de oito horas cada (durante um ano) com os professores da rede escolar que abrange o programa, realizados pelas universidades parceiras. Os seminários compreendem as seguintes temáticas: Cooperação e cooperativismo; Metodologias cooperativas; Escola e relações cooperativas na sociedade; Ambiente, sustentabilidade e cooperação, e Institucionalização das relações cooperativas no âmbito escolar.

Além dos seminários, a universidade responsável pelo apoio ao novo município, realiza contatos com os alunos, professores e funcionários, para conhecer as realidades, esclarecer dúvidas, dar sugestões e assessoria aos projetos que irão compor o programa em cada escola. Também são realizadas reuniões com os responsáveis pelo programa, coordenador local, regional, SICREDI, secretaria da educação, parceiros e apoiadores, para assim planejar e avaliar as ações.

Pode-se observar que, desde o processo de escolha do município onde o programa vai ser implantado, há uma marcante necessidade de interesse e comprometimento por parte dos parceiros locais. Isso se deve ao fato de que só assim o programa possuirá maiores chances de ter continuidade e transcender às mudanças políticas de cada município.

Isso também é importante, pois nos anos seguintes, cada município realiza seminários, com temas definidos a partir das necessidades demandadas pelos projetos de cooperação elaborados pelos professores das escolas. Ou seja, o programa começa a ter um caráter mais local, de acordo com a filosofia de trabalho da Secretaria Municipal de Educação, de ações e integrações dos parceiros e apoiadores locais, das necessidades da comunidade, sem, é claro, perder o objetivo inicial que é a disseminação da cultura da cooperação.

No momento da implantação do programa há a necessidade de executar a capacitação dos professores através de seminários e oficinas, bem como, prestar acompanhamento e orientação pedagógica, já que, a maioria dos professores não estão preparados para atuar em um programa que tem como objetivo disseminar a cooperação. Para esta preparação dos professores o programa conta com 17 universidades parceiras, sendo as duas últimas em Mato Grosso e Paraná, respectivamente: UNISC, UCPEL, UNIJUÍ, SETREM, UNIVATES, UNICRUZ,



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



UFSM, URI Erechim; URI Frederico, URI Santo Ângelo, URI Santiago, UPF, ULBRA Carazinho, URCAMP, FACCAT, Fundação Municipal de Nova Mutum e Faculdade Iguacu.

Assim, na figura 3 é apresentada a rede de cooperação que compõe o programa.

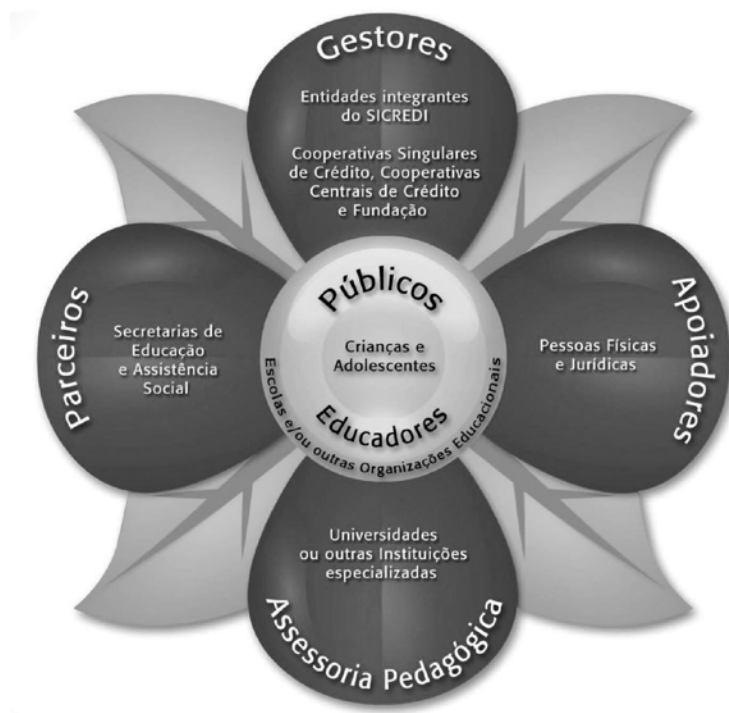


Figura 3: Rede de cooperação do Programa União Faz a Vida

Fonte: Adaptado de, SICREDI (2006)

Pelos documentos e relatos da coordenação do programa, a transição do primeiro para o segundo ano, é um dos momentos mais críticos, já que, exige do município o seu próprio planejamento, estando sujeito às mudanças de direção política em caso de eleição. A partir do segundo ano, o SICREDI e os parceiros participam mais ativamente no aporte financeiro, engajamento nas ações e atividades desenvolvidas, bem como com apoio pedagógico da universidade e da coordenação regional do programa.

Metodologicamente a proposta do programa é resultado da busca de uma atuação interdisciplinar, objetivando a sensibilização e educação para o cooperativismo. Assim, isso necessariamente implica em desenvolver atitudes e mentalidades solidárias, de ajuda mútua e de cooperação, por isso, a proposta traduz-se numa perspectiva construtivista e crítico-social.

Considerando que se trata de um programa interdisciplinar as ações cooperativas acabam perpassando todas as áreas do conhecimento, tanto que os projetos desenvolvidos pelas escolas dentro do programa vão desde: resgate de valores e culturas locais; ética e cidadania; cultivo de hortas escolares; preservação do meio ambiente;



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



cooperativas escolares, teatro, música, dança e outros; atividades lúdicas; embelezamento das escolas; integração escola e comunidade, e outros tantos.

Dentre os projetos, o destaque, por ser um dos projetos que é encontrado em todas as escolas participantes do programa, está relacionado ao meio ambiente, tema considerado um dos eixos temáticos do programa (os demais eixos são o cooperativismo e o empreendedorismo), visto que os alunos precisam ter consciência de preservação da natureza e sustentabilidade dos recursos naturais para as gerações futuras. Nada mais instigante e educador do que o desenvolvimento de projetos ambientais com bases cooperativas (SICREDI, 2006).

Com relação às problemáticas ambientais, para Barcelos (2003), a maneira de resolver os problemas ecológicos no Planeta-Terra referenda a necessidade de tratar estes problemas através de uma aliança a favor de todos e não contra alguém, como normalmente acontece quando se faz alianças.

Para Zeltzer (2002), se entendermos que a natureza funciona de maneira cooperativa, é possível e viável incentivar ações neste sentido com as crianças. O ato de coletar, separar e revender papéis pode ser uma atividade cooperativa rica em conteúdos, pois as crianças estarão praticando conceitos de limpeza, responsabilidade com o meio ambiente, estética, economia e ajuda mútua.

Ao entender a natureza como algo que funciona de maneira cooperativa, ou seja, uns dependendo dos outros, pode-se associar aspectos cooperativos nas mais diversas ações educativas voltadas ao meio ambiente e vice versa.

Neste sentido, a presente discussão de cooperação e educação cooperativa pode exercer papel fundamental na preparação das crianças, jovens e adultos, na construção desta aliança urgente e necessária.

5. O programa segundo os agentes envolvidos: prefeituras, parceiros, professores, alunos e comunidade

Anualmente o programa busca realizar uma avaliação considerando sua eficiência, eficácia, efetividade e o impacto gerado com a implantação no município, nesta, todos os públicos envolvidos participam qualitativa e quantitativamente para que os resultados possam ser utilizados no planejamento do próximo ano, bem como para a melhoria geral do programa.

No momento da pesquisa (janeiro a março de 2007) os dados de 2006 ainda não estavam tabulados, sendo assim, apresentar-se-á um panorama geral dos resultados da avaliação realizada e disponibilizada pelo SICREDI referente ao ano 2005 (SICREDI, 2007). Salienta-se que estas informações e dados sobre a avaliação foram fornecidos pelo SICREDI, não sendo fruto de pesquisa empírica do autor.

O objetivo desta construção não é realizar qualquer avaliação do programa, mas sim apresentá-lo como uma experiência de educação cooperativa. Sendo assim, alguns importantes resultados podem ser destacados: maior integração entre alunos, alunos e professores, professores e seus colegas e entre a escola e a comunidade; valorização e



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



aperfeiçoamento do processo educativo, através de uma nova dinâmica metodológica de ensino; mudança de mentalidade e fator motivacional para professores e alunos; melhoria nas condições físicas das escolas através de ações cooperativas em conjunto com a comunidade; co-responsáveis pela diminuição do índice de repetência e evasão escolar na rede de ensino, nos municípios onde o programa está implantado.

Em relação à comunidade escolar, quando questionado pela equipe de coordenação do programa, em relação ao programa estar fortalecendo e integrando a escola, família, parceiros e comunidade, 58% responderam que sim, 37% em parte e 5% que não. Já em relação às práticas cooperativas introduzidas ou aperfeiçoadas na escola, a partir do Programa, os coordenadores escolares elencaram melhorias em relação às trocas de experiências entre professores, (27% dos casos); compartilhamento de materiais (21%), desenvolvimento de projetos interdisciplinares (21%) e em 24% dos casos melhorias no relacionamento e convívio na escola.

Como práticas cooperativas diariamente utilizadas em sala de aula pelos professores, os mesmos elencaram as seguintes: em 26% dos casos trabalhos em grupos; 23% material compartilhado; 12% participação dos alunos na escolha dos temas dos projetos; 19% jogos cooperativos e 20% atividades interdisciplinares.

Para os alunos a aplicação das ações de cooperação na sua vida diária na escola se dá: em 27% dos casos através do maior respeito ao professor; 24% respeito às diferenças e os espaços dos colegas; 25% sendo atuante e participativo nas atividades propostas e 24% cuidando do patrimônio escolar.

Como o programa transcende as ações cooperativas do âmbito escolar, ou seja, influencia a personalidade e o comportamento social das crianças e jovens, verificou-se na avaliação o relacionamento e a comunicação entre pais, filhos e irmãos, sendo que: em 6% dos casos a família não percebeu mudanças; 36% melhorou o diálogo; 28% melhorou a participação das crianças nas tarefas domésticas e em 30% dos casos facilitou a convivência entre pais e filhos.

No programa “A União Faz a Vida”, um dos agentes que precisa ter a consciência da importância do programa, sendo fundamental para a sua manutenção, tanto financeiramente quanto pelo seu apoio institucional e político, são os parceiros locais. Neste sentido a avaliação anual considera além de outros aspectos, a importância do programa no desenvolvimento social do município segundo os parceiros, estes, no ano de 2005 avaliaram da seguinte forma: em 38% dos casos a importância está na educação cooperativa; 9% informação; 8% empreendedorismo; 15% formação de lideranças e 30% no resgate de valores e cidadania.

Nas avaliações anuais algumas secretarias municipais de educação forneceram dados sobre as taxas de evasão escolar e reprovação em suas redes escolares municipais. Em municípios como Três Passos as taxas de evasão caíram de 1,59% no ano de implantação para 0,08% em 2005; em Rodeio bonito de 4,90% para 1,63%; Lagoa dos Três Cantos de 0,48% para 0%; Coronel Barros de 2,92% para 2,2% e em Anta Gorda de 5% para 0,003%.

Já em relação às taxas de reprovação as redes municipais de Victor Graeff registram a queda de 2,64% de reprovação para 1,44%; Três Passos de 7,53% para 0,22%; Rodeio Bonito de 9,56 para 4,06%; Coronel Barros de 8,77% para 5,66% e Anta

**SOBER**XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural

Gorda de 16% para 12,72%. Estes dados de avaliação revelam a abrangência do programa, bem como a repercussão e importância para os públicos envolvidos.

Outros resultados que demonstram o reconhecimento e importância do programa “A União Faz a Vida” são os prêmios já conquistados, dentre eles: TOP CIDADANIA 2001-ABRH/RS (Associação Brasileira de Recursos Humanos); Destaque em educação na Assembléia Legislativa em 2002; Finalista do Prêmio “Criança 2004” da Fundação ABRINQ (Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos); Prêmio Cooperativa do Ano 2006; além de ter o reconhecimento e apoio da comunidade de cada município onde é implantado.

Por fim, como qualquer projeto ou até mesmo programa, como no caso do, “A União Faz a Vida”, que nasceu de um projeto e se consolidou como um programa, enfrenta algumas dificuldades, sendo que a maioria das vezes estas perpassam por questões ideológico política partidária, pois muitos governantes vêem no programa uma realização de seu mandato. Entretanto, quando a comunidade abraça o programa e a filosofia da cooperação, este ganha forças e passa a ser institucional, já que, a comunidade exige das novas autoridades a permanência do mesmo.

Outra dificuldade está associada a formação dos professores, os quais, originários do sistema convencional de ensino, não estão capacitados e habilitados a trabalhar em educação de base cooperativa e de forma interdisciplinar. Isso exige maior esforço no processo de formação cooperativa destes professores, além da disposição dos mesmos para tal, bem como atenção especial para que os objetivos do programa não sejam desviados durante o andamento.

6. Considerações finais

A educação cooperativa como ação continuada por parte das cooperativas precisa ser retomada de forma abrangente no cooperativismo, pois, somente assim garantir-se-á o desenvolvimento pleno e duradouro do cooperativismo e da cooperação como prática cotidiana.

É sabido que os aspectos econômicos, técnicos e de gestão são fundamentais para a manutenção do funcionamento e desenvolvimento das cooperativas, no entanto, para que realmente seja implementada a prática e filosofia cooperativista com base nos princípios fundamentais, é necessário que o processo de educação esteja presente e seja permanente.

Ao analisar o programa “A União Faz a Vida” pode-se visualizar neste uma iniciativa com bases sólidas de educação para a cooperação, que vai além de algumas proposições de inclusão de disciplinas de cooperativismo nas escolas, pois este considera a interdisciplinaridade como forma de solidificar e disseminar a cultura da cooperação e a prática do empreendedorismo. Assim, o programa que também se caracteriza pela sua natureza sistêmica insere outros aspectos, como a saúde, alimentação, segurança e bem estar social. Tudo isso com o envolvimento e



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



comprometimento da sociedade local, ou seja, desde a os primeiros contatos para a implementação do programa, já se está cultivando o espírito da cooperação.

Neste sentido, o programa aqui apresentado se caracteriza como uma experiência já reconhecida qualitativa e quantitativamente, tornando-se fonte de troca de experiências para outros programas e ações que possam surgir.

Agradecimentos:

Cabe aqui agradecer ao SICREDI pela disponibilidade das informações sobre o programa. Em especial ao presidente da Cooperativa SICREDI do município de Nova Palma pelos primeiros contatos e informações sobre o programa. Também de modo especial a coordenação do programa.

Referências

BARBIERI, J. C. **Desenvolvimento e meio ambiente**: as estratégias de mudanças da Agenda 21. Petrópolis: Vozes, 1997.

BARCELOS, V. H. L. Cultura e saberes silenciados: uma contribuição da educação ambiental para a autonomia dos povos. In: VELA, H. (Org.). **Agricultura familiar e desenvolvimento sustentável no MERCOSUL**. Santa Maria, 2003. p.245-270.

BEMVENUTI, V. L. S. Aprender: uma abordagem cooperativa. In: FIALKOW, M. Z. (Coord.). **A união faz a vida**: educação cooperativa: subsídios para os professores do Ensino Fundamental. 2 ed. São Leopoldo: UNISINOS, 2002.

FIALKOW, M. Z. (Coord.). **A união faz a vida**: educação cooperativa: subsídios para os professores do ensino fundamental. 2. ed. São Leopoldo: UNISINOS, 2002.

FRANTZ, W. Educação para o cooperativismo: a experiência do movimento comunitário de base de Ijuí. In: SCHNEIDER, J. O. (Org.). **Educação cooperativa e suas práticas**. Brasília: SESCOOP. 2003. p.59-108.

GARZÓN, C. U. Bases del cooperativismo. 2.ed. Bogotá: S.N., 1978. 360p.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LIBÂNEO, J. C.. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez. 1998.

MARQUES, M. O. **A escola no computador**: linguagens rearticuladas, educação outra. Ijuí: Editora UNIJUÍ. 1999.

NASCIMENTO, F. R. **Cooperativismo como alternativa de mudança**: uma abordagem normativa. Rio de Janeiro: Forense, 2000.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



PINHO, D. B. A educação cooperativa nos anos 2000 valorizando a cidadania brasileira. In: SCHNEIDER, J. O. (Org.). **Educação cooperativa e suas práticas**. Brasília: SESCOOP. 2003, p.135-177.

SICREDI – Sistema de Crédito Cooperativo. **Programa A União Faz a Vida: Case: Prêmio Cooperativa do Ano 2006**. Central SICREDI/RS: Porto Alegre, 2007.

SICREDI – Sistema de Crédito Cooperativo. **Conhecendo o programa a união faz a vida**. Porto Alegre: Fundação SICREDI, 2008. Disponível em: <<http://www.sicredi.com.br/auniaofazavida>>. Acesso em: 01 mar. 2008.

SCHMIDT, D.; PERIUS, V. Cooperativismo e Cooperativa. In: CATTANI, Antonio David (Org.) **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003, p.63-71.

SCHNEIDER, J. O. Pressupostos da educação cooperativa: a visão de sistematizadores da doutrina do cooperativismo. In: SCHNEIDER, J. O. (Org.). **Educação cooperativa e suas práticas**. Brasília: SESCOOP. 2003. p.13-58.

SILVA, G. P. **As associações de produtores rurais do município de Jarí-RS: contextualização histórica e perspectivas**. 2003, 195f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2003.

WATKINS, W. P. Los principios cooperativos hoy y mañana. Bogotá: ESACoop, 1989.

ZELTZER, F. Educação Ambiental: preocupação com a vida. In: FIALKOW, M. Z. (Coord.). **A união faz a vida: educação cooperativa: subsídios para os professores do Ensino Fundamental**. 2. ed. São Leopoldo: UNISINOS, 2002. p.33-56.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e método**. 3.ed. Porto Alegre: Brookman, 2005.